

**Apontamentos do Anúncio de Escola de Comunidade
com S.E. monsenhor Filippo Santoro
por ligação vídeo de Milão, 9 de fevereiro de 2022**

Texto de referência: L. Giussani, Dar a vida pela obra de um Outro, Paulus, Lisboa 2022 (no prelo); o pdf com o texto da primeira parte está disponível em:

<https://portugues.clonline.org/cm-files/2022/02/11/lg-dare-la-vita-1997-portugal.pdf>

Davide Prospero

Boa noite a todos! Finalmente, encontramos-nos para recomeçar o trabalho de Escola de Comunidade sobre o novo texto que nos acompanhará nos próximos meses: *Dar a vida pela obra de um Outro*, o último livro de *don* Giussani. Como prometido, está aqui conosco Sua Excelência, monsenhor Filippo Santoro, que, além de ser arcebispo de Tarento, é também Delegado Especial do Santo Padre para os *Memores Domini*. Esta noite irá introduzir-nos à primeira parte do livro, sobre a qual iremos trabalhar nestas semanas, até ao próximo encontro de 23 de março.

Filippo Santoro

Eu vou começar com uma oração, porque sem o dom do Espírito não conseguiremos perceber – como mensagem para nós, como proposta para a nossa vida – tudo aquilo que nos dizemos, que nos comunicamos. Por isso invoquemos o Espírito Santo.

*Vinde, Espírito Santo
Veni Sancte Spiritus*

Também eu vos cumprimento a todos: boa noite aqui, bom dia ou boa noite noutras partes do mundo; neste momento estamos todos unidos para aprofundar o texto de *don* Giussani *Dar a vida pela obra de um Outro*.

É precisamente pela obra de *Outro* que me encontro aqui a apresentar o texto da nova Escola de Comunidade e, sobretudo, que me encontro também a acompanhar os *Memores Domini* como Delegado Especial do Santo Padre, a partir dum seu pedido explícito e cordial.

Nunca teria pensado nestas duas tarefas tão sérias e tão fora do meu programa. Já me ocupa plenamente o cuidado da arquidiocese de Tarento e o trabalho da pastoral social, que culminou na 49ª Semana Social dos católicos italianos, que teve lugar em Tarento em outubro passado, com a participação de quase todas as dioceses italianas.

Já tinha dito, no retiro de Advento do *Memores Domini*, que o pedido do Papa Francisco tem na minha vida o mesmo peso do pedido que me foi feito por *don* Giussani em 1984, quando me pediu para ir em missão para o Brasil com um convite muito simples e claro: «Tu irias de bom grado para o Brasil?»; aquele «de bom grado» conquistou-me. Era um convite direto. Senti a minha liberdade interpelada, não como diante de um dever, mas diante de uma voz inconfundível que me pedia para me confiar de novo e totalmente a Quem tinha começado a conhecer e que propunha algo de mais à minha vida. Com o coração e o ímpeto da juventude disse que sim, ficando em paz até diante do sacrifício que me era pedido: deixar a minha mãe idosa e doente, as obrigações diocesanas e muitos amigos. Tratava-se de seguir *outro*, para lá dos meus planos. A mesma coisa aconteceu com o convite do Santo Padre, que me provocou a responder novamente, dizendo-lhe sim com toda a minha liberdade.

A nova tarefa começou com uma surpresa: fui imediatamente tocado por uma luz extraordinária, produzida pelo sim de 52 noviços dos *Memores*, que me pediram para fazer a profissão com uma liberdade, uma verdade e uma beleza que demonstram que o carisma está vivo. Rapazes, raparigas bonitas, em fila, que afirmavam que a forma mais verdadeira de viver é entregar-se totalmente a Cristo, porque n'Ele está a plenitude da vida. Esta luz iluminou todos os encontros que tive com os

Memores, a partir das casas de Tarento e de algumas regiões da Itália meridional, e depois indo a Espanha, encontrando por vídeo os *Memores* dos Estados Unidos e por fim da América Latina, onde encontrei ao vivo os meus amigos brasileiros e via Zoom todos os outros.

Neste período, auscultar a vida das pessoas precede qualquer intervenção do tipo canónico e jurídico que, não obstante, é necessária. Está implicada a minha pessoa, e tudo isto me remete para um trabalho pessoal de Escola de Comunidade, que dá um gosto novo à minha vida e às obrigações do meu ministério. Para ser mais concreto, pelo menos dez minutos diários devem ser dedicados a esta, para cada um de nós, para que a vida assuma uma direção nova. Sem um trabalho da liberdade, não há crescimento pessoal. Como sacerdote e bispo tenho a liturgia, o breviário, o rosário, os pobres, os sacerdotes, a tarefa de conciliar o injusto conflito em Tarento entre a defesa da saúde, do ambiente e do trabalho; mas, em tudo isto, não renuncio aos meus dez minutos de Escola de Comunidade. É verdadeiramente um alívio e uma inspiração grande, e ao mesmo tempo um trabalho.

Dentro da novidade que aconteceu inesperadamente na minha vida, esta noite tenho a tarefa de vos apresentar, com a obrigação de ser breve, a primeira parte do texto que repropõe os Exercícios da Fraternidade de 1997.

Para os muitos entre nós que não estavam na altura, é oportuno situar aquela circunstância já longínqua. *Don Giussani*, ao contrário de todas as suas intervenções precedentes, daquela vez não falou sem papel. Nós estávamos habituados a “ver” debaixo dos nossos olhos um discurso que “acontecia” em direto, ainda que saltando do esquema, dos apontamentos, das citações e das cartas que *don Giussani* ia acumulando nas semanas e nos dias anteriores, trazendo no coração os rostos do seu povo. Devido aos inconvenientes proporcionados pela doença, naquele ano escolheu escrever a sua intervenção, para depois a gravar diante dum grupo de amigos. O vídeo que foi proposto tinha por isso uma especial densidade, própria de um texto pensado palavra a palavra. É o texto sobre o qual nos preparamos para trabalhar.

Além disso, pelo que ele próprio disse, aquele discurso pretendia representar o conteúdo de consciência amadurecido naqueles anos, um culminar do seu pensamento, do seu modo de viver o Mistério e o acontecimento cristão. Para nos introduzir ao texto, é nessa direção que vai o rico Prefácio do padre Julián Carrón.

Começamos por isso juntos um trabalho que é certamente empenhativo, mas ainda mais fascinante, diria quase intrigante.

Introdução

Abordemos, antes de mais, com muita atenção a Introdução da lição, porque, num certo sentido, esta contém o âmage da proposta que *don Giussani* nos faz (a partir da página 2).

1. Em primeiro lugar, *don Gius* identifica um momento histórico, a morte de Luís XIV de França (estamos em 1715), como o sinal de uma época em que o **racionalismo** toma definitivamente a dianteira: o homem, agora sem limites, pretende ser a medida de todas as coisas. Este caminho, hoje, está quase completo: o racionalismo representa já uma posição geral. Verifiquei-o em Tarento, quando o Magnífico Reitor da Universidade de Bari inaugurou a Faculdade de Medicina e disse, com as palavras do filósofo sofista Protágoras: «O homem é a medida de todas as coisas». Tomando a palavra, eu deixei uma nota. Tinham-me pedido apenas para dar a bênção, mas não fui capaz de me calar. Por isso disse: «Bem, o Magnífico Reitor citou Protágoras de Abdera, mas estando nós em Tarento, capital da Magna Grécia e pátria do filósofo platónico Arquitas, não posso deixar de citar Platão, que na obra *As leis* afirmava que “Deus é a medida do homem”». Em suma, devemo-nos defender, e atacar!

2. Diante da prevalência do racionalismo, o que é que acontece? A Igreja recua: **entrincheira-se a nível pastoral**, para defender a «moralidade do povo». Por isso se empenhou na pastoral, para melhorar a vida das pessoas, etc..

3. Atenção! Empenhar-se na pastoral está certo, mas aqui isso foi feito **dando por óbvia a evidência – para um fiel – do conteúdo dogmático**. Como que dizendo: «Isto já o sabemos, empenhemo-nos na ação, e pronto, basta».

4. *Don* Giussani acrescenta: «Foi assim favorecida uma falta de defesa e de alimento da fé do povo de Deus, na medida em que é **através da atividade cultural** que a vida de um povo se aprofunda e se torna historicamente geradora, em prol ou contra a tradição cristã que construiu a civilização ocidental» (p. 4).

Detenhamo-nos nesta passagem da página 4 que acabei de vos ler, para descobrir o quanto ela é apropriada para ler o “mundo” em que vivemos, bem como o modo como grande parte da Igreja se propõe a si mesma e como nós mesmos concebemos e vivemos a existência cristã.

Primeiro. Vivemos num contexto no qual a razão pretende ser medida de todas as coisas. Não teremos talvez chegado, hoje, a um ponto em que esta pretensão assume aspetos que apenas umas poucas vozes proféticas podiam prever há vinte e cinco anos atrás? Até mesmo o início e o fim da vida, a natureza do matrimónio, a identidade sexual da pessoa, já não são um “dado” a acolher, já não são reconhecidos como dados pelo Mistério, mas dependem do arbítrio racionalista do homem.

Segundo. Na sua teologia, «a Igreja, atacada pelo racionalismo, sublinhou ao povo [...] a ética, dando como pressuposta a ontologia, quase que lhe retirando a força geradora» (p. 8). A Igreja sublinha a ética: «Portem-se bem», esquecendo a ontologia; não esquecendo-a, mas colocando-a em segundo plano. Sublinha-se, por isso, a moral, vivida por cada um de acordo com as suas boas razões, segundo as características próprias do contexto em que vive, segundo a sua própria sensibilidade. Eis então a ênfase sobre a Igreja entendida como defensora da família e da vida, dos pobres e da justiça social, da identidade e da moral sexual, do ambiente, e poderíamos continuar a lista.

Que fique bem claro, são todos aspetos preciosos, pontos importantes, mas o problema surge quando tais conteúdos morais (ou pastorais) se tornam no próprio coração da «feliz notícia» da Igreja. É como se se pretendesse que o que imprime velocidade ao comboio fossem os vagões e não a locomotiva! Está muito bem empenharmo-nos em todas aquelas coisas, mas há um ponto motor que determina a qualidade do juízo sobre todos estes aspetos.

Terceiro. Eis, então, uma terceira passagem: a negligência do elemento dogmático, do conteúdo próprio do anúncio cristão. «Julgo que o génio do movimento que vi nascer – escreveu *don* Giussani na sua última carta a João Paulo II, em 2004 – seja de ter sentido a urgência de proclamar a necessidade de voltar aos aspetos elementares do cristianismo, ou seja, a paixão pelo facto cristão como tal nos seus elementos originais, e basta» (*Passos-Litterae communionis*, n. 4/2004), a paixão de voltar aos aspetos fundamentais do cristianismo.

Quarto. É depois surpreendente a quarta passagem da Introdução: o dar por adquirido o conteúdo dogmático (a ontologia, dirá na lição) acaba por coincidir com o declínio da atividade cultural, que aprofunda e gera a vida do povo. Por que é que é importante sublinhar esta passagem? Porque revela que a raiz da cultura está na ontologia, no Ser, no Acontecimento. A cultura – disse várias vezes *don* Gius – identifica-se com o «*para quem se vive*». Isto significa que a defesa da vida e da família, o amor pela justiça social e o cuidado com o ambiente não representam o coração da atividade cultural do cristão, mas apenas as implicações de uma ontologia que é reconhecida e vivida.

Antes de passar à sugestão de uma chave de leitura das duas lições de *don* Giussani, queria concluir esta Introdução detendo-me num **aspeto metodológico** em que reparei lendo com calma o texto. É um texto que precisa de ser lido e meditado com calma. Qual é este aspeto metodológico que quero colocar em evidência?

Nós não sabemos o que está escrito nestas páginas. Partamos da hipótese realista de que nós *pensamos* de outra maneira: nós estamos dentro, completamente dentro, da redução do facto cristão denunciado neste texto. Nós pensamos como toda a gente, e por isso é importantíssimo o trabalho de Escola de Comunidade.

Como *don* Giussani disse uma vez dirigindo-se a um grupo de responsáveis (cito de cor): «O vosso problema não é a coerência, não é um defeito de aplicação. É um problema de mentalidade: vocês não pensam como eu». Portanto, é necessária uma conversão da mentalidade.

Não nos escandalizemos com este juízo; aliás, ele clarifica a natureza do caminho que, mais uma vez ainda, retomamos hoje: é uma *escola*, «Escola de Comunidade». E, como em qualquer escola, há a dificuldade de perceber, há quem nos possa ajudar mais do que os outros, há um diálogo em que a conquista de um se torna património de todos. Por isso será possível fazer perguntas, às quais da próxima vez nós responderemos, se alguma coisa não ficar clara na minha explicação, para nos ajudar a identificar os pontos de mudança da mentalidade.

Passemos então à primeira lição.

«DEUS TUDO EM TUDO»

1. Um novo ponto de partida: a ontologia

Faço-vos em primeiro lugar notar como esta lição, tal como a seguinte, está *repleta de perguntas*. *Don* Giussani faz perguntas umas atrás das outras, pressiona-nos precisamente para abanar um determinado modo de pensar. Ele faz a si mesmo as perguntas mais radicais, aquelas de um homem que, no limiar do Mistério, pensa no mistério da sua própria existência, do próprio ser. Neste tempo de pandemia, todos fomos interpelados a pensar no mistério da nossa vida. Escapámos, passou-nos perto, perdemos muitos amigos, tantas pessoas queridas, queridíssimas, como não nos deixarmos abanar pela pergunta sobre o Mistério e sobre o mistério da nossa vida? Como é que faço para falar com uma amiga com três filhos, que perdeu o marido, que morreu ainda jovem com Covid, a não ser estando diante do Mistério e do mistério da nossa vida? Se não nos identificarmos com esta posição vertiginosa, se não enfrentarmos a dificuldade de um caminho, de um trabalho, as respostas que iremos encontrar ao longo do percurso não serão captadas na sua verdade e na sua beleza.

Bem, a primeira lição aborda uma interrogação radical: «*O que é Deus para o homem?*». A resposta, dá-a São Paulo: «Deus é tudo em tudo» (*1Cor 15,28*).

O ponto de partida, portanto, é **ontológico**: parte-se da realidade tal como ela é: «Para o homem, Deus é tudo!» (ver p. 26).

Mas logo a seguir *don* Gius apressa-se a dizer que, se «Deus é tudo em tudo», o homem não é por isso anulado (como que dizendo: Ele é tudo, logo nós não somos nada), mas, pelo contrário, é exaltado. Exprime-o de dois modos:

- «Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos, a Lua e as estrelas que Tu criaste: que é o homem para te lembrares dele, o filho do homem para com ele te preocupares?», diz o Salmo 8. E *don* Gius comenta: «No entanto, nós somos aquele nível vertiginoso da natureza no qual a natureza vive a consciência de si mesma» (p. 5). O eu de cada um de nós é a **autoconsciência** do cosmos.

- E mais à frente diz: diante deste “tudo”, «diante deste Senhor, o eu humano tem **sede** d’ Ele» (p. 5). O eu tem sede da eternidade.

Portanto, diante da afirmação de São Paulo - «Deus é tudo em tudo» -, somos caracterizados por estes dois elementos: **a autoconsciência** e **a sede**. Aqui reside a essência, a ontologia, a grandeza do homem: a autoconsciência e a sede, ou seja, o desejo.

2. Duas tentações: niilismo e panteísmo

Aqui *don* Giussani entra no âmago da questão, insistindo no aspeto da ontologia: «Mas se Deus é tudo, o que é que eu sou? Quem és tu? [...] o que é que são [...] as flores e as estrelas? [...] a realidade como aparece na experiência, ou seja, como se apresenta ao homem [...] é feita por Deus, [é feita] “de” Deus [que é a consistência da realidade]. O Ser cria, ou seja, faz participar de si» (pp. 5-6), dá o ser a todas as coisas; mais à frente dirá que cria o homem como «ser participado» (p. 9).

Daqui deriva «a percepção da contingência da realidade, ou seja, do facto de que *a realidade não se faz por si mesma*» (p. 6), como nos repetimos constantemente ao longo dos anos, voltando ao décimo capítulo d’ *O sentido religioso*.

Porém, o homem resvala desta percepção vertiginosa (que neste momento eu não me faço por mim). Em vez do espanto por sermos feitos neste instante, resvalamos para outra coisa; em vez da consciência e da sede, o homem cede à tentação de pensar que as coisas são ilusórias e que nada tem consistência. Em vez da consciência e da sede, surge a tentação de resvalar para o nada.

Insinuam-se assim as duas grandes tentações que assaltam a nossa vida, tal como assaltaram e assaltam toda a história humana:

- o **niilismo**, para o qual as coisas que tens, as pessoas com quem vives, não são nada, não têm uma consistência última. Não é que não sejam nada, mas não têm uma consistência última.
- ou o **panteísmo**, para o qual o eu é uma parte indistinta do todo, do «grande mar do ser» em que seremos definitivamente reabsorvidos no dia da nossa morte (p. 6). Uma dissolução indiferente, indiferenciada do nosso ser, um perder-se no nada, ao passo que cada um de nós deseja uma eternidade pessoal, ao passo que eu desejo que esta minha vida continue.

Reparem, não se trata acima de tudo de teorias, mas de posições “práticas”, para as quais inexoravelmente resvalamos.

Qual é a consequência existencial do niilismo e do panteísmo? Aqui *don* Giussani faz uma passagem que ao princípio nos surpreende, mas que – se virmos com atenção – se torna um feixe de luz que põe a nu o dinamismo da vida, tanto a social, como a pessoal. «Se o homem destrói o conteúdo da [própria] experiência, dizendo ou que não é nada [niilismo], ou que é parte indistinta do ser total [panteísmo], então não existe nada fora dele, ele é o único senhor de si mesmo» (p. 7), como que a dizer: da minha vida decido eu.

Assim, diante do embate mecânico das circunstâncias, não permanece senão o exercício do **poder**, um poder duplo:

- um poder «tendencialmente ditatorial; [...] afirmado como única fonte e forma de ordem, ainda que efêmera, mas possível» (p. 6). Se não existe uma consistência última, na falta de uma consistência última, conta apenas quem tem mais poder. Isto, obviamente, vale *para aqueles poucos que o conseguem*. E é o espetáculo que temos diante dos nossos olhos: dos poderes económicos fortes que regulam o mundo, ao poder da magistratura ou dos jornais, ao grotesco personalismo de tantos líderes partidários;

- mas há um segundo aspeto: *a maioria, obviamente, não o consegue*. E a esses não resta senão uma vida de escravos: escravos do poder de outros. Se não existe uma consistência última das coisas, domina quem tem mais poder.

A esta altura, *don* Giussani alarma-nos: porque o poder não é apenas aquele do Estado ou da Região. A citação é preciosa: «Quanto mais se pertence a uma sociedade pequena, restrita, mais se depende de quem sobre ela detém o poder». Isto deve pôr-nos em guarda sobre a forma como vivemos na nossa família, na empresa onde trabalhamos, até na nossa comunidade ou no nosso grupo de Fraternidade. «Qualquer relação se torna poder, violência» (p. 7). Portanto, a afirmação de que tudo é niilismo ou panteísmo não é inocente, mas é para afirmar um pequeno grande poder, em vez de acolher o outro como um dom do Ser que nos é feito, um dom que remete para aquele Mistério que está na origem de todas as coisas.

3. A existência do eu

No parágrafo 3, niilismo e panteísmo são retomados do ponto de vista do binómio ontologia-ética; ontologia, por um lado, e ética, por outro.

Niilismo e panteísmo, com efeito, enquanto negações da razão, simplificações redutivas da realidade, iludem a grande pergunta do homem, que regressa uma vez mais: «Como é que eu existo?». A pergunta é insuprimível: «Como é que eu existo?», «Como é que eu tenho consistência?». «Esta pergunta identifica o nível ontológico [...] da questão. Pelo contrário, o racionalismo niilista ou panteísta exasperou a incidência ética do problema [humano], reduzindo tudo à afirmação do homem [reduzindo tudo à afirmação individualista de si]; e a afirmação do homem é [...] uma violência diante de si mesmo e do mistério do mundo» (p. 8).

Neste pensamento encaixam-se as três palavras que descrevem a misteriosa condição existencial de cada um de nós. Como veem, é mesmo precisa a invocação do Espírito para prosseguir o caminho! São todos passos densos, mas extraordinariamente belos, fortísimos!

Liberdade

Em primeiro lugar, *don* Gius diz-nos uma coisa surpreendente. O homem, vimo-lo, é partícipe de Deus que é tudo em tudo; não uma parte, não um pedacinho de Deus, mas partícipe de Deus porque recebe o ser de Deus. Há um ponto, porém, em que o seu ser se “subtrai” à inevitabilidade de ser participado do Ser: a liberdade.

Este é o verdadeiro mistério da criação: o Mistério criou uma coisa que não se identifica com Ele mesmo. «A liberdade é a única coisa que aparece à razão como estando fora de Deus». Claro, «se o Ser, Deus, é tudo, a liberdade é reconhecer que Deus é tudo». Com efeito, «o Mistério quis ser reconhecido pela nossa liberdade [eu posso dizer: “Reconheço-Te”, mas posso também ter a parvoíce de não O reconhecer], quis gerar o seu próprio reconhecimento» (p. 21). Deus quis, portanto, correr este risco. Eis o verdadeiro mistério da criação. Pensem que estocada vertiginosa na liberdade! Deus criou uma coisa que pode dizer-lhe não, que pode dizer-lhe que Ele não tem nada a ver com a vida quotidiana, que não tem nada a ver com o hoje que vivemos, que não tem nada a ver com os encontros que tivemos, que não tem nada a ver com tudo o que existe; só nós temos a ver, pequenos ou grandes servos do poder.

Pedir para ser

«Enquanto liberdade, a natureza do ser participado exprime-se [...] como *oração*», que existencialmente «é pedido, “pedido de ser” [eu peço para ser, porque ao início pedimos ao Espírito. *Sine tuo numine nihil est in homine*, sem o teu poder não há nada em nós, nada de são, nada de santo, de salvo]. Deus quer que haja alguém que lhe pede para ser» (p. 9). E, vendo bem, tudo aquilo que o ser participado faz («Quer comamos, quer bebamos, quer durmamos, quer estejamos vigilantes») é em si oração, pedido de ser, ou seja, pedido de cumprimento.

Por isso, a afirmação das noviças e dos noviços que faziam a profissão – «Porque neste “sim” está a cumprimento da minha vida» – é pedido de cumprimento, é sempre pedido: «Realiza Tu a minha vida, com toda a fragilidade de que sou feito; cumpre-me, realiza o meu ser, realiza aquilo que eu sou».

Pecado (A escolha da estranheza)

Diante deste pedido de ser, e juntamente a este pedido de ser, há um terceiro aspeto: o pecado, que é a escolha da estranheza. Não reconhecer que Deus é tudo é o pecado. «O pecado [...] é qualquer aspeto da ação que possa não ser coerente com “Deus é tudo”» (p. 10).

Como para Adão e Eva, o pecado é seguir um estranho, algo de estranho à nossa experiência. Qual era a coisa estranha? A serpente, a tentadora.

«O homem, rebelando-se, adere a uma realidade estranha ao seu ser, adere ao “mundo”, como diz Jesus, ou seja, à soma do poder» (p. 10). Eis, portanto, a escolha da estranheza: aderir, entregar-se ao estranho, entregar-se ao estrangeiro, entregar-se ao dominador, entregar-se ao mentiroso, entregar-se ao poder; é o pecado como escolha da estranheza.

Assim a vida, em vez de encontrar a paz, e talvez a letícia mesmo nas situações mais tristes, torna-se escravidão: tornamo-nos escravos do mundo, e – reparem bem – quanto mais uma pessoa faz uma carreira, mais esta escravidão se torna patente em nós, que nos consideramos os donos do mundo. Não descreve talvez isto a trajetória humana daqueles de entre nós que ocupam mais espaço no mundo? Há mesmo necessidade de muita simplicidade e de muita humildade, como aquela de quem reconhece estar no seu lugar e em paz na vida. Ainda durante o gesto da profissão, uma noviça deu-me este testemunho: «Fui ao cabeleireiro, e a rapariga que me tratava do cabelo disse-me: “Fico contente quando tu estás aqui, porque tu estás em paz, tu estás no teu lugar. Eu queria ser como tu”». Estar em paz, como afirmação de si, e não ceder o espaço da terra ao estranho, à estranheza, ao

pecado. Pensem no que é uma pessoa que faz uma profissão assim! Mas pensemos também nós! Deus é tudo em tudo porque tem a ver com a cabeleireira, tem a ver com o momento da vida, com tantas situações. É esta a consistência última, verdadeira e mais forte do nosso ser, sem ser preciso ir muito longe.

«Vejam quantos senhores têm aqueles que não querem ter o único Senhor», dizia Santo Ambrósio, citado por *don* Giussani na página 10. É esta a conclusão a que chegam o niilismo e o panteísmo. Mas imediatamente antes *don* Giussani tinha-nos recordado toda a positividade de quem vive no reconhecimento de que Deus é tudo: «É alegre; encontra até mesmo letícia, e de todo o modo, paz, mesmo nas situações mais tristes» (p. 10). A consistência da vida é fonte de letícia, é fonte de paz. Exatamente como me escreveu uma amiga espanhola: «Dizem-me: “Estás melhor do que nunca!”; e uma amiga com quem almocei no outro dia não conseguia acreditar que os tumores em mim se multiplicaram. Então disse-lhe: “Vocês identificam o estar contente com a ausência de problemas e com o facto de que tudo corra bem”. “A missão cumpre-se na oferta de ti mesmo a Cristo”. Isto significa que qualquer circunstância é para o meu amadurecimento; e se vivo unida a Jesus, estou a ajudá-Lo na Redenção. Estou super contente com esta certeza de que a minha vida serve para alguma coisa, e isso não o troco por nada». O ponto não é não ter problemas, mas com quem estamos. Com quem estás? Com o Ser, com o Ser que faz a tua pessoa, que a faz agora, a faz para sempre e lhe dá consistência. Por isso a amiga se espanta: «Estás melhor do que nunca!», e no entanto, os tumores multiplicaram-se! «Se vivo unida a Jesus, estou a ajudá-Lo na Redenção». Nós estamos a ajudá-Lo na Redenção do mundo, e estamos a ajudar-nos a cumprir um caminho de humanidade nova, de humanidade diferente. «Estou super contente com esta certeza de que a minha vida serve para alguma coisa, e isso não o troco por nada»: ela sente-se amada numa condição de fragilidade, porque precisamente ali, um amor emerge em toda a sua essencialidade, o seu poder, a sua proximidade.

É este o caminho que aprendemos na Igreja e vivendo no Movimento a companhia de pessoas que viveram para a glória humana de Cristo num caminho de santidade que a Igreja está a reconhecer, pessoas que pertencem à nossa história. Juntamente a *don* Giussani, quero recordar apenas alguns nomes: Enzo Piccinini, Andrea Aziani, Francis do Uganda, Edimar do Brasil, Novella Scardovi, padre Paolo Bargiggia, padre Pigi Bernareggi, Pier Alberto Bertazzi; há muitíssimos, mesmo os últimos, recentes, em que se documenta o milagre do ser.

Deus é tudo em tudo e Deus é para sempre. Deus está na nossa vida, que é abraçada para sempre e nunca é abandonada. E a liberdade é dizer-lhe sim. Também nestes tempos de revisão dos Estatutos dos *Memores* e da Fraternidade, nós estamos imersos numa história de graça, numa história invadida pela presença do carisma vivo, sinal do amor do Senhor, uma graça reconhecida pela Santa Sé, com a estima e o afeto pessoal do Santo Padre.

Bom trabalho a todos e obrigado pela atenção.